



Artífices e artistas – um estudo sobre a produção artística contida no acervo do Cemitério do Bonfim em Belo Horizonte

MARCELINA DAS GRAÇAS DE ALMEIDA*

Introdução

Os cemitérios que se originaram em meados do século XIX, em particular nas sociedades ocidentais, a despeito das diferenças locais, regionais e estruturais carregam em si elementos de interseção que o tornam bastante peculiares. Resultam das mentalidades e imaginário comuns daquele período, dentre elas, as medidas médicas-sanitárias que orientavam acerca do melhor método para inumação dos corpos, bem como do lugar dos mortos no convívio com os vivos e ao mesmo tempo traduzem desejos de vaidade, poder e glória, revelando-se como um espaço de concretização e construção de vaidades.

Nesse sentido são depositários de obras artísticas que traduzem valor histórico e estético, transformando os cemitérios em espaços singulares para o mercado de trabalho e atuação para artistas e artesãos. Os cemitérios, as sepulturas, as construções tumulares servem como testemunhos materiais de uma época, de um estilo e de um contexto e nesse sentido contém relações complexas entre a cultura material, simbolismo e variadas formas de atividade humana.

Ao analisar um cemitério, é possível compreender e identificar registros de afirmação de caráter individual com resultado de relações horizontais de um indivíduo e características verticais, conjunto de processos sociais que reforcem identidade do grupo e a coesão dos seus membros, normalmente evidenciados na estrutura do túmulo.

Os cemitérios do século XIX são espaços de teatralização e cenário que podem ser entendidos através da produção decorativa neles contidos. Esta é a questão que norteia esse artigo. A proposta é identificar o trabalho de artistas e artesãos que atuaram no Cemitério Municipal da cidade de Belo Horizonte, comumente conhecido como Cemitério do Bonfim. Essa necrópole foi inaugurada, no final do século XIX, juntamente com a nova capital do Estado de Minas Gerais e, durante mais de quatro décadas foi o único espaço fúnebre da cidade, abrigando consigo, não apenas um acervo artístico, bem como uma parte

* Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, ED/UEMG, doutora em História. Este trabalho conta com o apoio financeiro da FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais.



considerável da história da cidade que se estruturou no início do século XX. A partir das décadas de 30 e 40 do século passado a prática da ornamentação funerária nos cemitérios caiu em desuso, entretanto desde sua inauguração até a década de 40, altura em que se constrói outro cemitério público na capital mineira, diversos artistas, artesãos e artífices trabalharam no projeto decorativo dos túmulos, jazigos e mausoléus. Dentre os nomes mapeados estão os irmãos Natali¹, tendo à frente Orestes Natali (1864-1947), João Amadeu Mucchiut(1872-1938), Jeanne Milde (1900-1997), Ettore Ximenes (1855-1926), João Scuotto (1902-1982) e Bruno Giorgi (1905-1993) dentre outros. Pretende-se traçar o perfil de alguns deles, ressaltando a relevância da obra realizada e o significado como patrimônio que se incorpora à história do espaço cemiterial, bem como para a história da cidade de Belo Horizonte.

Artistas e artífices

Em artigo publicado no final do século passado o investigador português Gonçalo Sousa comentava acerca do patrimônio artístico dos cemitérios da cidade do Porto:

Escultores anônimos ou de nomeada, arquitectos menos conhecidos ou de mais nome, disseminaram pelos cemitérios municipais portuenses uma panóplia de obras com marca personalizada, digna de realce. Homens houve, portanto, que deixaram o seu nome ligado às construções funerárias [...] (SOUSA, 1995, p.175)

O mesmo pode ser dito em relação ao cenário arquitetônico e escultórico no Cemitério do Bonfim em Belo Horizonte. A partir das décadas de 30 e 40 do século passado a prática da ornamentação funerária nos cemitérios cai em desuso, entretanto desde sua inauguração até a década de 40, altura em que se constrói outro cemitério público na capital mineira, diversos artistas, artesãos e artífices trabalharam no projeto decorativo dos túmulos, jazigos e mausoléus. Dentre os nomes que pudemos mapear estão os já mencionados irmãos Natali, bem como Carlo Bianchi (1871-1923), João Amadeu Mucchiut, Gino Ceroni (?-?), Nicola Dantolli (?-?), Antônio Folini (?-?), Estevão Lunardi (1877-1942), Alfeu Martini(?-?), José Scarlatelli (1854-1927), L. Galante (?-?), Giuseppe Bottaro (1892-1951), Zeferino Scalabrini (18?-19?), Honório Cattabriga (1908-20?), Jeanne Milde, Ettore Ximenes, Bruno Giorgi e

¹ Os Natali eram uma família de italianos chefiada por Oreste Natali e constituída pelos filhos, dentre eles: Carlo, Trento, Ernesto e Augusto.



João Scuotto, tendo este último atuado no Bonfim a partir da década de 50. Será traçado o perfil de alguns deles.²

Os Natali, como já foi mencionado anteriormente, foram responsáveis por inúmeras obras no cemitério e na cidade. Sob o comando de Oreste Natali partiram de uma simples oficina de fundo de quintal e prosperaram, sendo a assinatura “Natali” hegemônica no Cemitério do Bonfim. A família instalou-se, inicialmente, na região do Barro Preto, na capital com uma oficina modesta, executando trabalhos no modo artesanal, entretanto ao longo dos anos foi mudando de endereço e de tecnologia produtiva adquirindo maquinário e contratando profissionais especializados para contribuir na dinâmica e atender à demanda da oficina. Esta foi extinta em 1982.

Carlo Bianchi nascido na Itália na segunda metade do século XIX era escultor e trabalhou em diversos projetos na capital, dentre eles o cemitério. Era perito em baixos relevo, escadarias, letreiros e florões. Uma de suas obras mais marcantes é a escadaria do prédio do antigo Conselho Deliberativo da capital, hoje transformado em Centro de Referência da Moda. Faleceu em Belo Horizonte.³

João Amadeu Mucchiut nascido na Áustria era escultor com passagem pela Escola Industrial de Trieste na Itália. Não se sabe ao certo quando imigrou para o Brasil, mas desde a inauguração da cidade já se tem notícia de sua atuação, tendo realizado diversos trabalhos na cidade, dentre eles a decoração do altar-mor da Matriz de São José (1929), a fachada da Basílica de Nossa Senhora de Lourdes (1916/1922), a porta principal do antigo prédio dos Correios e Telégrafos (já demolido) e o Palacete Borges da Costa (atual Academia Mineira de Letras). O escultor tem obras no Rio de Janeiro e em cidades no interior de Minas Gerais. O acervo produzido pelo artista no “Bonfim” é notável e emociona ao observador atento, pois os

² Não foi possível até a presente data elucidar dados biográficos relativos a todos estes personagens da história da capital mineira e do cemitério. Acredita-se que somente a pesquisa constante, lenta e minuciosa poderá nos ajudar a retirar do anonimato muitos artistas-artesãos de merecimento, seja por razões do talento artístico ou pelo significado histórico das obras por eles realizadas. Em 2010 o IEPHA, Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico, realizou um inventário parcial do acervo, ocasião em que 10 (dez) quadras ao redor do Necrotério e 08 (oito) quadras na entrada principal foram analisadas e marmoristas, artistas e nomes de relevo foram identificados.

³ Não foi localizada obra assinada por Carlo Bianchi no cemitério do Bonfim, mas há inúmeras referências a sua atuação naquele espaço. Em 1900 aparece como marmorista no almanaque da cidade.

trabalhos realizados destacam-se no conjunto de peças que ornamentam aquele espaço fúnebre.

Tendo trabalhado em parceria com a família Natali é assim retratado por Augusto Natali, em depoimento manuscrito:

[...] um genial mestre em escultura. Tão hábil e exímio escultor fora, que realizava suas obras com tanta perfeição e expressividade, que se as podia comparar com aquelas de maior expressão artística conhecidas, executadas pelo legendário Donateli (sic). Era também o Sr. Mucchiut exímio desenhista, projetando e construindo altares, púlpitos e pias batismais no mesmo estilo e perfeição daquelas que em várias cidades italianas realizaram artistas de genialidade.⁴

Fig. 1 João Amadeu Mucchiut, fotoporcelana aplicada no túmulo do artista, Quadra 16, Cemitério do Bonfim



Fonte: autoria própria

Há diversas obras assinadas por Mucchiut adornando as quadras do Bonfim, inclusive o artista tinha o cuidado em deixar sua assinatura, pelo menos naquelas de peso maior em seu portfólio. Além de trabalhar com a família Natali, dividiu projetos com Estevão Lunardi e no final da década de 20 anunciava a Marmoraria e Oficina de escultura decorativa em sociedade com outro marmorista: Pongetti. O artista faleceu em Belo Horizonte e está sepultado no Bonfim, tendo curiosamente iniciado a confecção do próprio túmulo que se encontra inacabado.

⁴ NATALI, Augusto. NATALI, Augusto. **Depoimento.** (Texto manuscrito elaborado no início da década de 90 do século passado a pedido da sobrinha Cristina Natali, historiadora). Belo Horizonte, p.4-5

É considerado o artista mais talentoso que, em sua época, atuou no espaço funerário e o trabalho por ele realizado, para além do apuro artesanal, destaca-se pela uso de matéria-prima local, a esteatita, pedra-sabão na confecção das peças decorativas dos túmulos nos quais trabalhou. Tratava-se de um artista versátil, eficiente e respeitado pelos seus pares.

Fig. 2 Cesto de flores esculpido em esteatita, João Amadeu Mucchiut, Quadra 6, 1918, Cemitério do Bonfim



Fonte: autoria própria

Fig. 3 Túmulo do artista João Amadeu Mucchiut, esteatita e granito, Cemitério do Bonfim



Fonte: autoria própria

Estevão Lunardi companheiro de Mucchiut na decoração de um jazigo único em todo o Cemitério do Bonfim, o anjo do silêncio, era uma personalidade de múltiplas habilidades: era industrial, comerciante e fotógrafo. O pai, Giovanni Lunardi, foi o grande mestre. Chegou ao Brasil aos 07 (sete) anos de idade tendo vivido em Juiz de Fora e Sabará antes de se instalar na capital mineira. Em 1896 fundou em sociedade com Elpídio Machado a empresa “Lunardi & Machado” que daria origem à Marmoraria Lunardi, inaugurada no centro da capital, em 1899. As oficinas fabricavam ladrilhos, mosaicos, pedras plásticas, artefatos e cimento, gesso e areia. Além do cemitério integrou projetos de edifícios da cidade, dentre eles o Palácio da Liberdade, das Secretarias do Interior, Finanças, Educação e Agricultura, do Cine Teatro Brasil, do Edifício Chagas Dória dentre outros.

Outro artesão do mármore, de origem italiana foi José Scarlatelli. Antes de se instalar na capital mineira, em 1901, havia trabalhado em Vitória-ES e Juiz de Fora - MG. Foi responsável pela confecção do túmulo dedicado à memória de Francisco Silviano de Almeida Brandão (1848-1902), em 1904.

Fig. 4 Túmulo político Francisco de Almeida Brandão, Quadra 7



Fonte: autoria própria

Mais um núcleo italiano atuante na capital mineira é a família Bottaro, chefiada por Giuseppe Bottaro que se instalou na capital no início do século XX. A primeira oficina funcionou no centro da capital, tendo depois ocupado um espaço próximo ao cemitério. Na atualidade funciona com o nome de “Marmoraria São José Ltda.” e localiza-se na região leste da cidade. Além de oferecer pedras decorativas para o cemitério, a oficina dos Bottaro trabalhava com peças de mármore para edifícios e obras religiosas (GROSSI, 2005).

Honório Cattabriga, ítalo-brasileiro, era natural de Ouro Preto. Havia estudado pintura com Amílcar Agretti (1887-1969) e a partir de 1925 trabalhou em uma oficina de marcenaria pertencente aos tios paternos. Era exímio desenhista e, nas décadas de 40/50 do século passado, em parceria com os Natali e a Marmoraria São Geraldo, realizou projetos para mausoléus e capelas-jazigo.⁵

⁵ Informações concedidas através de entrevista em 30 de abril de 1997, realizada de modo informal, pois o depoente não autorizou gravação ou outro registro.



Em um universo dominado pela presença masculina, uma mulher se destaca como realizadora de obras ornamentais para alguns túmulos no Cemitério do Bonfim. É a escultora e professora Jeanne-Louise Milde. Natural de Bruxelas, Bélgica, havia estudado na Real Academia de Belas Artes (1926). Chegou ao Brasil em 1929 integrando a Missão Pedagógica, parte do projeto de reforma educacional de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada (1870-1946). Foi pioneira do modernismo em Minas Gerais, não somente no campo artístico, bem como na área pedagógica. Era uma personalidade tão marcante que chegava a contrastar com o ar provinciano da capital do início do século XX. Jeanne Milde mantinha um atelier particular no térreo do Grande Hotel (demolido) situado na Rua da Bahia com Avenida Augusto de Lima, a região central da capital mineira.

Jeanne Milde realizou alguns projetos escultóricos para o Cemitério do Bonfim. Destaque para o túmulo do poeta Achilles Vivacqua (1900-1942), um *bouquet* de rosas em cobre, que foram retiradas do túmulo pela família e hoje estão guardadas como acervo particular.⁶ Há o túmulo do literato Francisco Campos (1891-1968) e do designer gráfico Domingos Xavier de Andrade (1903-1940), conhecido como Monsã. A linguagem estética de Milde é inovadora, está integrada à estrutura decorativa do cemitério, mas apresenta os elementos que a arte moderna começava se traduzir no Brasil. Milde decorou um túmulo que se situa na mesma quadra onde há uma obra de Ettore Ximenes.

Fig. 5 Jeanne Milde

⁶No lugar foi colocada uma réplica.



Fonte: Patrimônio belga no Brasil <<http://belgianclub.com.br/creator/milde-jeanne-louise-1900-1997>>
Data de acesso> 28 de dezembro de 2015

Fig. 6 Detalhe do túmulo Monsã, retrato em relevo, bronze. Quadra 44.



Fonte: autoria própria

Ettore Ximenes nascido em Palermo estudou na Academia de Belas Artes daquela cidade entre 1868 e 1871. Foi discípulo do escultor Vincenzo Ragusa (1841-?). Quando se



mudou para Nápoles estudou com o pintor Domenico Morelli (1823-1901) e o escultor Stanislao Lista (1827-1875). Em Paris, por volta de 1878, manteve contato com Rodin (1840-1017) e Jean-Baptiste Carpeaux (1827-1875). Há obras de Ximenes em Itália, Estados Unidos da América, Argentina e Brasil. Entre 1921 e 1926 trabalhou com o arquiteto Manfredo Manfredi (1859-1927) em São Paulo, na obra “Monumento da Independência”. Ximenes era também pintor e desenhista. Em Belo Horizonte assinou o projeto do túmulo monumental dedicado ao estadista Raul Soares de Moura (1877-1924) falecido em 1924, cujo monumento funerário foi inaugurado em junho de 1926.

Fig.7 Ettore Ximenes



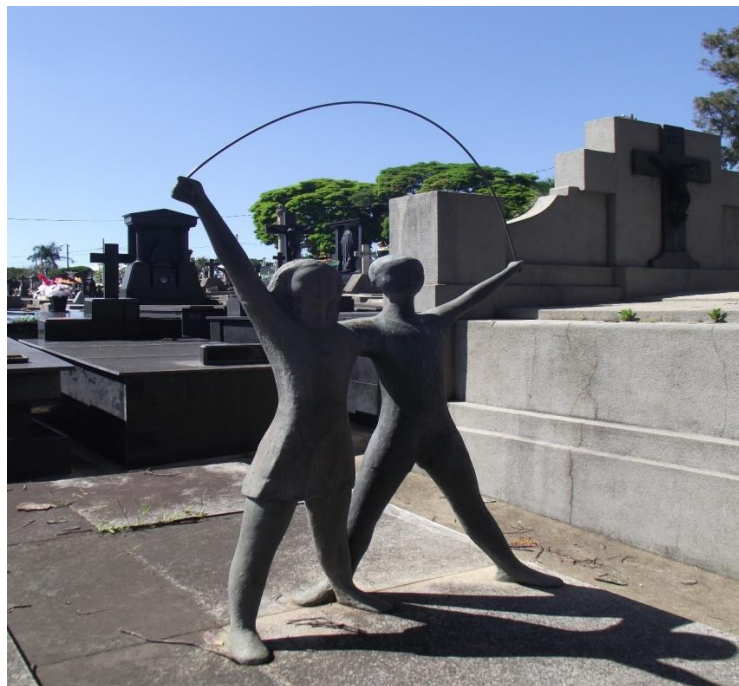
Fonte: *Il Museo Immaginario* Disponível em:
<<http://ilmuseoimmaginario.blogspot.com.br/2010/08/ettore-ximenes-lo-scultore-galantuomo.html>>Data de
acesso: 28 de dezembro de 2015

Outro nome representativo é o do brasileiro Bruno Giorgi, escultor nascido no Brasil, mas ainda criança, aos 06 (seis) anos, mudou-se com a família para Itália. Fixaram residência em Roma. Começou a estudar desenho e escultura em 1920. Em 1931, foi preso e condenado



a sete anos de prisão. Foi extraditado para o Brasil em 1935 e, em São Paulo, manteve contato com Joaquim Figueira (1904 - 1943) e Alfredo Volpi (1896 - 1988). Em 1937, em Paris, frequentou as academias *La Grand Chaumière* e *Ranson*, onde estudou com Aristide Maillol (1861 - 1944). Em 1939, retornou para São Paulo e teve a oportunidade de conviver com Mário de Andrade (1893 - 1945), Lasar Segall (1891 - 1957), Oswald de Andrade (1890 - 1954) e Sérgio Milliet (1898 - 1966), dentre outros nomes do movimento modernista brasileiro. Praticou desenho de modelo-vivo e pintura com os artistas do Grupo Santa Helena e fez parte da Família Artística Paulista - FAP. Em 1943, transferiu-se para o Rio de Janeiro. A convite do ministro Gustavo Capanema (1900 - 1985) instalou ateliê no antigo Hospício da Praia Vermelha. Possui diversas obras em espaços públicos como *Monumento à Juventude Brasileira*, 1947, nos jardins do antigo Ministério da Educação e Saúde - MES, atual Palácio Gustavo Capanema, no Rio de Janeiro; *Candangos*, 1960, na praça dos Três Poderes, e *Meteoro*, 1967, no lago do edifício do Ministério das Relações Exteriores, em Brasília; e *Integração*, 1989, no Memorial da América Latina, em São Paulo. Há no Cemitério do Bonfim, um túmulo decorado pelo artista.

Fig. 8 Túmulo Família Costa Chiabi, Casal de crianças, Quadra 15.



Fonte: autoria própria

Fig. 9 Túmulo Família Costa Chiabi, Nossa Senhor e o menino Jesus, detalhe, Quadra 15.



Fonte: autoria própria

Fig. 10 Túmulo Família Costa Chiabi, Nossa Senhor e o menino Jesus, detalhe, Quadra 15, Cemitério do Bonfim.



A seta indica a assinatura de Bruno Giorgi

Fonte: autoria própria

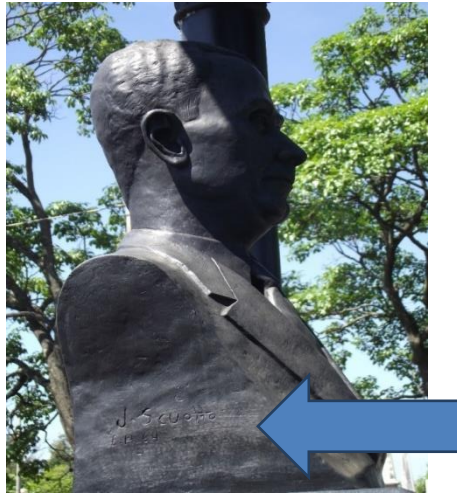


Finalmente, a despeito de ter concretizado a maior parte de seu trabalho na década de 50, no Cemitério do Bonfim e na cidade em geral, é fundamental que seja destacada a presença do artista João Scutto. Nascido na capital paulista possuía raízes italianas. Seu avô paterno, Francisco Scutto, era um escultor conhecido em Nápoles, tendo sido convidado pelo presidente Rodrigues Alves (1848-1919) para participar das obras artísticas do Teatro Municipal. Ele recusou o convite, entretanto indicou seu filho Alfredo Scutto para realizar as ditas obras.

Alfredo Scutto, acompanhado da esposa e filhas, deslocou-se para o Brasil, instalou-se em São Paulo e iniciou suas atividades em terras brasileiras. Nesta ocasião nasceu João Scutto. Aos seis anos de idade João Scutto e família transferiram-se para o Rio de Janeiro e foi na cidade maravilhosa que o menino, avesso à disciplina escolar, começou a aprender o ofício de escultor tendo o pai como mestre. Na fundição aprendeu a moldar, tirar fôrmas e fundir, sendo, após a morte do pai, sendo seu substituto natural.

No início da década de 50 Scutto e família transferiram-se para a capital mineira, aceitando convite de Ernesto Natali para trabalhar na marmoraria. Em Belo Horizonte desenvolveu e aplicou suas habilidades artísticas. Além de trabalhar com os irmãos Natali prestava serviços em outros espaços e chegou a montar um ateliê próprio no Bairro da Floresta. A capital e localidades vizinhas possuem trabalhos executados diretamente por Scutto ou pelo menos que contem com sua colaboração. Destacamos o Cristo Redentor do bairro Milionários no Barreiro. As obras de João Scutto que ornamentam os túmulos do Cemitério do Bonfim, a maioria esculpida em bronze, destaca-se pela força e expressão. O artista possuía talento especial para executar retratos, estampando esta qualidade em diversas de suas obras (ALMEIDA, 1998).

Fig. 11 Busto decorando túmulo, Quadra 16.



Seta aponta a assinatura do escultor.

Fonte: autoria própria

Apontamentos finais

Os nomes destacados ao longo do artigo são apenas uma parte do significativo e amplo acervo contido no Cemitério do Bonfim, o seu estudo, para além de permitir a compreensão da história da cidade analisada sob outro ponto de vista, nos possibilita, cruzar histórias e trajetórias de vida e experiências comuns ao registrar no espaço fúnebre uma parte do talento, do ofício e do trabalho.

Por outro lado nos ajuda a dimensionar o cemitério como patrimônio, um bem cultural, um espaço de construções simbólicas, mas essencialmente um local que nos remete à memória, à construção de um imaginário que perpassa pelo religioso, profano, e se utiliza da arte e do trabalho dos artesãos e artistas para se concretizar.

REFERÊNCIAS

Almanack da Cidade de Minas Organizado por Joaquim Ramos de Lima. Cidade de Minas: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1900. p.117.



ALMEIDA, Marcelina das Graças de . O espaço da morte na capital mineira: um ensaio sobre o Cemitério de Nosso Senhor do Bonfim. **Revista de História Regional**. Ponta Grossa, n. ° 2 v.3, Inverno 1998, p.187-191.

_____. **MORTE, CULTURA, MEMÓRIA - MÚLTIPLAS INTERSEÇÕES:** Uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte. 2007. 418 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais.

Bruno Giorgi. Disponível em:<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8920/bruno-giorgi>> Data de acesso: 28 de dezembro de 2015.

Dicionário Biográfico de Construtores e Artistas de Belo Horizonte 1894/1940. Belo Horizonte: IEPHA/MG, 1997. p.142.

Ettore Ximenes Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21784/ettore-ximenes>>Data de acesso: 28 de dezembro de 2015.

GROSSI, Sávio. **Arte e Ofício dos marmoristas nos primórdios de Belo Horizonte L'arte e il mestiere della marmoria nei primordi di Belo Horizonte.** Belo Horizonte: Instituto Marcelo Xavier, 2005.

Il Museo Immaginario Disponível em:
<<http://ilmuseoimmaginario.blogspot.com.br/2010/08/ettore-ximenes-lo-scultore-galantuomo.html>>Data de acesso: 28 de dezembro de 2015

Jeanne Milde 90 Anos Zina Aita Catálogo de Exposição. Belo Horizonte: PBH/Secretaria Municipal de Cultura, 1990.

Patrimônio belga no Brasil<<http://belgianclub.com.br/creator/milde-jeanne-louise-1900-1997>> Data de acesso> 28 de dezembro de 2015

Relatório Final de Pesquisa de Inventário do Acervo de Estruturas Arquitetônicas e Bens Integrados do Cemitério do Bonfim- Belo Horizonte. Belo Horizonte, IEPHA, 2010.

SOUSA, D. Gonçalo de Vasconcelos. Subsídios para uma Iconografia da Morte no Porto do Século XIX (II). **Humanística e Teologia.** Porto, Fasc. 1-2, 16, p.175-213,1995.

TASSINI, Raul. **Verdades Históricas e Pré-históricas de Belo Horizonte-antes Curral Del Rey.** Belo Horizonte: s/e, 1947. p. 91-92